

**A FUNÇÃO MODALIZADORA DOS VERBOS *DICENDI*
NO GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA**

Érica Portas do Nascimento (UERJ)

portasrj@hotmail.com

Isabela Aparecida Canossa (UFF)

RESUMO

As funções fundamentais da linguagem, organizadas de acordo com seus processos, mostra-nos que, ao poder demonstrar compreensão das coisas que o cercam, o ser humano sente a necessidade de exteriorizar seus pensamentos e, quando o faz, automaticamente se comunica com o intuito de suggestionar o outro. Assim, fundamentando-se na perspectiva sistêmico-funcional, em cuja abordagem as seleções linguísticas são analisadas tendo em vista os seus contextos de uso, essa pesquisa analisará notícias de jornais on-line e partirá da hipótese de que o autor, a fim de marcar a sua posição acerca do conteúdo noticiado sem que as propriedades do gênero textual analisado sejam violadas, modalizaria, por meio da escolha lexical dos processos verbais, a linguagem. Dessa forma, o autor não se comprometeria diante do conteúdo enunciado e, supostamente, manteria a função dos papéis sociais característicos do gênero notícia.

Palavras-chave: Modalização. Verbos *dicendi*. Gênero notícia.

1. Introdução

A linguística sistêmico-funcional corresponde a uma abordagem descritiva cuja análise se concentra no uso linguístico; dessa forma, concebe a língua não como um objeto autônomo, mas como uma estrutura cuja maleabilidade é oriunda das diversas situações comunicativas em que se encontra.

Dessa maneira, a linguística sistêmico-funcional, como uma teoria sociosemiótica, parte do pressuposto da existência de uma relação complementar entre gramática e interação social, considerando, portanto, a língua como um sistema de significados disponíveis para estabelecer relações, representar o mundo e, dessa maneira, atender às necessidades de contextos sociais específicos.

Logo, pode-se constatar que, reconhecendo a língua como um instrumento de comunicação, a linguística sistêmico-funcional compreende a linguagem como um sistema variável, disponível para a satisfação de todas as necessidades comunicativas dos falantes e, por isso, essa pesquisa a tomou como aporte teórico: não haveria, fora da perspectiva funcionalista, como analisar os efeitos argumentativos dos verbos *dicendi* en-

contrados no gênero notícia.

Nessa perspectiva, essa pesquisa parte da hipótese de que, a fim de marcar a sua posição acerca do conteúdo noticiado, o autor modalizaria, por meio da escolha lexical dos processos verbais, o seu discurso, ou melhor, dentre os componentes do sistema da transitividade, os processos que realizariam as ações do dizer encapsulariam a opinião do autor em relação ao conteúdo enunciado, realizando de maneira implícita a função argumentativa dos *dicendi*.

Destarte, ao reconhecer a função argumentativa desses verbos, torna-se clara a relação entre contexto e língua, cuja materialização pode ser observada neste trabalho através da análise do gênero explorado, o qual é constituído por significados que dialogam com os conceitos pré-construídos, estabelecidos pelo contexto de cultura do qual esse autor é participante.

Pode-se, então, afirmar que o gênero em análise será influenciado pelo contexto cultural no qual o escritor se insere e também pelo seu próprio contexto de cultura - o qual é responsável pela manutenção dos contratos sociais estabelecidos na sociedade. Assim, estabelece-se um conflito entre o contexto cultural do gênero notícia, que, em tese, é concebido culturalmente como um gênero neutro, imparcial e impessoal e a função argumentativa da linguagem, por meio da qual o autor reproduz o contexto de cultura do qual é participante.

Dessa forma, o autor estaria diante de dois contextos culturais, os quais permeiam a construção do seu texto: um relacionado ao gênero notícia e outro intrínseco às crenças de si próprio. Logo, a fim de que as características do gênero textual notícia não sejam violadas, e, portanto, o escritor não se comprometa com o dito – o que interferiria diretamente na relação com o leitor –, aquele, por meio da escolha dos verbos do dizer, direciona a própria opinião no texto mantendo, supostamente, os papéis sociais originais, isto é, não viola o contrato social entre o campo jornalístico e a sociedade, por meio do qual as notícias se assumem como um texto meramente informativo permeado pela objetividade e neutralidade.

Portanto, para desenvolvimento desta pesquisa, abordar-se-ão os seguintes tópicos: O gênero textual notícia, tópico cujo objetivo se restringe a abordar as características e a manutenção desse gênero; As meta-funções ideacional e interpessoal, objeto cuja temática argumenta a respeito da relação entre a experiência no mundo e a determinação das escolhas linguísticas; A função modalizadora dos verbos *dicendi* no gênero

textual notícia, matéria cujo conteúdo abordará a função argumentativa desses verbos; Análise do corpus e considerações finais.

2. O gênero textual notícia

Para que se entendam as características do gênero notícia, é necessário compreender, primeiramente, que os gêneros textuais, de modo geral, são enunciados relativamente estáveis (BAKHTIN, 2011, p. 262) que estruturam a prática comunicativa individual no convívio em sociedade. Desse modo, todo gênero é marcado por sua esfera de atuação, que articula modos específicos de combinar conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição, ou seja, como uma entidade sociocultural, os gêneros textuais são determinados pelo contexto cultural do qual emergiram ou emergem.

Assim, pode-se dizer que a notícia é um gênero textual jornalístico que, em tese, procurar relatar acontecimentos de forma neutra, objetiva, impessoal e imparcial, o que seria um discurso dos próprios produtores desse gênero, os quais enfatizam a apresentação dos fatos como objetiva, neutra e isenta (MEDINA, 2006). Contudo, deve-se destacar que uma notícia, devido ao caráter argumentativo da linguagem, assume, *implicitamente*, compromissos ideológicos (LAGE, 2004), que refletem o contexto de cultura do jornalista.

Dessa maneira, o autor se vale, no contexto de produção do gênero analisado, de pressupostos e implicaturas, que protegem o seu papel social. Acredita-se que esses procedimentos são essenciais, uma vez que, para prender a atenção do leitor, é fundamental o uso de estratégias que credibilizem a suposta objetividade, já que se fundamentou um contrato social em que o jornalista é um observador neutro, cuja função social se limita a informar o leitor.

Assim, por meio dessas táticas, o jornalista produz um panorama enunciativo que procura encapsular a função argumentativa da linguagem modalizando o discurso.

Portanto, esses recursos linguísticos mantêm o cumprimento do contrato social entre jornalista e sociedade, estabelecido pelo contexto cultural do gênero em questão, e, dessa forma, e permitem que seja legitimada pela opinião pública a competência do jornalista -ou do veículo em que trabalha - para a produzir e divulgar notícias.

3. As metafunções ideacional e interpessoal

A gramática sistêmico-funcional parte do princípio de que as escolhas linguísticas não são aleatórias, isto é, são motivadas pelo contexto em que se inserem; dessa forma, nessa perspectiva, os significados se constroem a partir das relações entre as formas linguísticas e o contexto discursivo no qual aparecem.

Essa constatação nos permite afirmar que as estruturas linguísticas embutem nos seus significados os valores socioculturais adquiridos pelo autor. Portanto, as formas como os indivíduos realizam as escolhas linguísticas expressam ou revelam a sua postura em relação ao conteúdo veiculado.

Uma vez que a metafunção ideacional representa a experiência vivenciada pelo indivíduo, constata-se que não se afasta da interpessoal, pois, conforme nos mostra Tompson (2004), os processos indicam a escolha consciente por parte do falante de uma forma de representação de mundo em detrimento de outras. Assim, para a linguística sistêmico-funcional, as escolhas do falante em relação aos participantes e aos processos revelam suas representações/conceituações dos fatos, do mundo exterior e também dos conteúdos de seu mundo interior. Logo, as experiências físicas, psíquicas, sociais e culturais que o indivíduo, desde a infância, acumula fazem com que as informações realizadas pelo sistema léxico-gramatical sejam construídas pela percepção que o usuário tem das suas experiências no mundo, sejam essas internas ou externas.

Portanto, como nossa experiência no mundo determina nossas escolhas linguísticas, há embutida na realização dos processos, cuja tipologia se organiza em material, relacional, mental, verbal, comportamental e existencial, a maneira como nos relacionamos com os participantes da situação e os participantes do texto.

Dessa forma, se a metafunção ideacional corresponde à realização da experiência do mundo, do sistema de conhecimentos e das crenças do indivíduo, pode-se afirmar que a concretização dessa metafunção coexiste com a metafunção interpessoal, uma vez que a interação social entre os participantes, sujeitos sociais e a formação da identidade que se quer criar fazem parte das experiências socioculturais vivenciadas pelo indivíduo:

 Não há uma influência direta da estrutura social sobre a escrita ou a fala. Antes, estruturas sociais são observadas, experimentadas, interpretadas e re-

presentadas por membros sociais, por exemplo, como parte de sua interação ou comunicação continuada. É essa (subjéctiva) representação, esses modelos mentais de eventos específicos, esse conhecimento, essas atitudes e ideologias que, no fim, influenciam os discursos e outras práticas sociais das pessoas. (VAN DIJK, 2008, p. 26)

Portanto, pode-se constatar que há vários fatores determinantes na escolha lexical dos processos que compõem um texto. Dentre os quais, a ideologia do autor, seu papel social e o contexto situacional do qual participa.

Assim, através da transitividade, verificar-se-ão os tipos de processo, as escolhas lexicais que realizam esses processos, as escolhas das vozes verbais e, por fim, os participantes que estão sendo favorecidos ou desfavorecidos no texto.

Portanto, fica claro que há uma motivação social para analisar a transitividade, já que fatores sociais, culturais, ideológicos, políticos ou teóricos definem como um processo é significado em um discurso específico. Por exemplo, há motivação para a seleção de determinado item lexical para a realização de determinado processo, a fim de que um dos participantes seja favorecido e, dependendo do contexto discursivo, o autor resguarde seus juízos de valor, o que se faz por razões culturais, políticas ou ideológicas. Dessa maneira, constata-se que, ao escolherem suas orações em termos léxicos e estruturais, os falantes/escritores selecionam, também, o significado e a construção de identidades sociais, de relações sociais, de crenças e conhecimentos.

Assim, partimos do pressuposto de que a representação da linguagem e a interação social se complementam, interferindo esta diretamente na maneira como essa representação se realizará.

Essa constatação se respalda na observação de Halliday (2004) de que as línguas são organizadas em torno de dois significados estruturais: o ideacional e o interpessoal. Assim, nas construções oracionais, além da função ideacional, pode-se reconhecer a manifestação da metafunção interpessoal da linguagem.

4. A função modalizadora dos verbos *dicendi* no gênero textual notícia

Durante a produção de um texto, o enunciador deixa marcas que refletem, ou melhor, revelam o ponto de vista que assume. Koch afirma

que, na construção do discurso, a relação entre enunciados e os enunciadore é estruturada a partir de certas relações de modalidade, das quais se depreende a importância pragmática. De acordo com a autora, são esses recursos modalizadores os responsáveis por revelar a atitude dos enunciadore diante do enunciado.

Assim, Koch destaca que

O recurso às modalidades permite, pois, ao locutor marcar a distância relativa em que se coloca com relação ao enunciado que produz, seu maior ou menor grau de engajamento com relação ao que é dito, determinando o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores; possibilita-lhe, também, deixar claros os tipos de atos que deseja realizar e fornecer ao interlocutor “pistas” quanto às suas intenções; permite, ainda, introduzir modalizações produzidas por outras “vozes” incorporadas ao seu discurso, isto é, oriundas de enunciadore diferentes; torna possível, enfim, a construção de um ‘retrato’ do evento histórico que é a produção do enunciado. (KOCH, 2002, p. 86)

Logo, em se tratando dos processos verbais, pode-se dizer que os *dicendi* também podem exercer a função de modalizadores, já que condicionam e direcionam a interpretação que o interlocutor fará do enunciado que esses verbos introduzem. Assim, os verbos *dicendi* podem expressar um juízo de valor, revelando determinadas intenções do enunciadore.

As gramáticas tradicionais, quando discorrem sobre esses verbos responsáveis pela transcrição da fala, nada observam sobre a expressividade dos *dicendi* e seus efeitos discursivos, apenas os listam; contudo, em relação aos comportamentais, como berrou, gaguejou, chamam-nos de *sentiendi* e dizem que caracterizam a imagem da personagem:

No plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar, responder e sinônimos (...). (CUNHA, 2008, p. 150)

Observe-se, também, que as variedades de verbos introdutore oferecidas pela língua portuguesa aos seus usuários permitem a quem se sirva do discurso direto caracterizar, com precisão e colorido, a atitude do personagem cuja fala vai ser textualmente reproduzida. (CUNHA, 2008, p. 651)

No plano formal, verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder, etc.), as falas das personagens aparecem, no entanto, numa oração substantiva, em geral desenvolvida. (CUNHA, 2008, p. 652)

No discurso direto reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do interlocutor (...) com ajuda explícita ou não de verbos como disse, respondeu, perguntou, retrucou ou sinônimos (os chamados *dicendi*). Às vezes, usam-se outore verbos de intenção mais descritivas, como gaguejar, balbuciar, berrar, etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação

Othon Moacyr Garcia (2006) afirma que a principal função desses verbos é indicar o interlocutor que está com a palavra e divide-os em nove áreas semânticas, deixando claro que essas áreas abrangem verbos de significados mais gerais e outros mais específicos:

- a) de dizer (afirmar, declarar);
- b) de perguntar (indagar, interrogar);
- c) de responder (retrucar, replicar);
- d) de contestar (negar, objetar);
- e) de concordar (assentir, anuir);
- f) de exclamar (gritar, bradar);
- g) de pedir (solicitar, rogar);
- h) de exortar (animar, aconselhar);
- i) de ordenar (mandar, determinar).

Contudo, Garcia (2006) afirma que muitos autores se servem de verbos mais específicos, mais caracterizadores da fala e chegam os mais criativos a empregar verbos que nenhuma relação tem com a elocução, o que, ainda segundo o autor, do ponto de vista da sintaxe, poderia ser considerado como inadmissível, pois os *dicendi* deveriam ser, teoricamente pelo menos, transitivo ou admitir transitividade.

Pode-se notar, então, que essa metaforização do verbo deixa claro que as escolhas linguísticas perpassam pelas experiências dos indivíduos, fazendo, muitas das vezes, com que as realizações linguísticas, conforme mostra Garcia, rompam com a relação lógico-sintática.

O autor também aborda os empregos dos verbos ditos *sentiendi*, cujas realizações se firmaram a partir do realismo: “Esses e seus similares constituem uma espécie de vicário dos *dicendi*, com função predominantemente caracterizadora de atitudes, gestos ou de qualquer manifestação de conteúdo psíquico”. (GARCIA, 2006, p. 149)

Portanto, percebe-se que esses verbos – *dicendi* e *sentiendi* – são muito importantes para aquele que os seleciona e os utiliza, já que carregam um juízo de valor em relação à declaração e aos participantes internos e externos. Dessa maneira, pode-se notar que a sua função *argumen-*

tativa está relacionada à interpretação que o autor faz sobre o que é dito e o que deseja consolidar como verdadeiro. Então, o autor, ao selecionar os *verbos dicendi* e ao elaborar as falas dos participantes, poderá argumentar contra ou a favor de determinadas declarações.

Nascimento (2006) corrobora esta constatação ao declarar que o verbo *dicendi* assimila duas funções: uma é apresentar o discurso de um segundo locutor, a outra é representar como o locutor responsável pelo discurso (L1) quer que o discurso desse segundo locutor (L2) seja lido.

Para Halliday, há dois tipos principais de processos verbais: os denominados de atividade e os denominados de semiose.

Os primeiros se dividem em alvo (elogiar, insultar, abusar, caluniar, lisonjear, criticar, culpar, repreender) e fala (falar, conversar), já os segundos, em neutro (dizer, contar), indicação (contar a alguém algo, relatar, anunciar, informar, explicar, provar, convencer, persuadir, prometer, perguntar, interrogar, indagar) e comando (dizer a alguém para fazer algo, inquirir alguém a fazer algo, ordenar, mandar, exigir, prometer, ameaçar, persuadir, convencer, suplicar, implorar, rogar).

Nas classificações semânticas de Halliday, pode-se perceber uma categorização denominada neutra, contudo se constatará que o verbo dizer, em princípio, aparentemente cria um efeito de afastamento sobre o dito e seu autor. Contudo, em 77% dos 30 textos investigados, o verbo dizer e os demais *dicendi* pareciam sinônimos, já que não havia divisão, pela escolha verbal por parte do enunciador, dos participantes envolvidos no processo verbal que relata o enunciado, porquanto esses participantes partilhavam das mesmas convicções. Todavia, isso não faz com que o processo da modalização seja negado, uma vez que, nesses casos, o “dizer” perde a noção de afastamento e ganha um novo valor, que corrobora a aproximação entre o dito e o autor da transcrição.

Como essa pesquisa centraliza-se no uso dos verbos que introduzem o discurso reportado nas notícias jornalísticas, a fim de evidenciar as marcas argumentativas desses elementos, comprovando, dessa forma, que esses verbos deixam marcas, as quais revelam o grau envolvimento/engajamento do enunciador sobre o ato enunciado, optou-se por analisar os casos em que há significativa diferença entre a realização do “dizer” e a dos demais *dicendi*.

Assim, ver-se-á, claramente, que, mesmo nos gêneros que tendem pela escrita imparcial e objetiva, sempre se identificarão marcas as quais

irão revelar seu caráter argumentativo.

5. Análise do corpus

TEXTO 1 05/06/2015 10h05 – Atualizado em 05/06/2015 12h50

Do *G1 Rio*

Irmão de baleado na Vila Cruzeiro afirma que jovem não era criminoso

Rapaz questiona por que não foi feito exame de pólvora na mão do irmão.

Jovem conheceu a cantora Madonna quando ela esteve no Rio.

O irmão de Edson Manso de Souza, de 23 anos, rapaz que levou um tiro de fuzil na Vila Cruzeiro, no Conjunto de Favelas da Penha, Zona Norte do Rio, afirma que o rapaz não tem envolvimento com o tráfico e questiona o motivo de não ter sido realizado exame para detectar a presença de pólvora nas mãos de Edson.

“Ele está sendo acusado de tentativa de homicídio e associação ao tráfico. Que homicídio? Ele não matou ninguém, ele não estava armado. Cadê a arma, cadê o exame de pólvora na mão dele? Que tráfico que ele estava? Ele estava com alguma droga, com algum entorpecente?” *questionou* Ericson Manso.

Segundo os parentes, o rapaz tinha saído por volta das 19h30 para jogar futebol, quando viu uma viatura da PM que vinha em alta velocidade e freou bruscamente. A família *conta* que Edson e outros moradores correram. O irmão afirma que ele não tinha envolvimento com o tráfico e que ele não estava armado.

O rapaz foi socorrido pelos irmãos e levado em uma Kombi para o Hospital federal de Bonsucesso. No local, ele foi reconhecido por PMs como o autor dos disparos. O rapaz segue internado sob custódia. As fotos tiradas por familiares mostram Edson algemado à maca do hospital. Por causa do grave ferimento, o jovem, casado e pai de um bebê de um ano, teve parte da perna direita amputada.

De acordo com a Coordenadoria de Polícia Pacificadora, Edson teria trocado tiros com policiais militares. Em depoimento, os PMs *dizem* terem disparado 16 vezes. A Polícia Civil *informou* que ele foi indiciado por tentativa de homicídio e associação ao tráfico, mas nenhuma arma foi encontrada no local e o rapaz não tinha antecedente criminais.

Jovem que conheceu Madonna foi baleado (Foto: Reprodução/Globonews)

O jovem ficou conhecido após a cantora Madonna, durante uma passagem no Rio, convencê-lo de trocar o tráfico de drogas para jogar futebol. A ameri-

cana fazia uma visita por comunidades da cidade, e, depois do encontro, ele entrou num projeto que tirava meninos do tráfico com a ajuda do esporte. Ele teria jogado no time de Bonsucesso durante dois anos, mas após a mulher engravidar, deixou o futebol. Segundo registros na carteira de trabalho de Edson, ele estava trabalhando em uma farmácia recentemente.

“Ele se dá bem com todo mundo, todo mundo conhece ele, sabe da vida dele, do futebol dele. Ele nunca teve desavença com ninguém. Agora vai ser muito difícil porque ele tem um filho para criar. O que a gente vai fazer agora da vida, ele nessa situação? Amputaram a perna dele, como vai trabalhar? Agora complicou”, afirmou a mulher de Edson, Daiane da Cruz.

6. *Análise*

No texto 1, fica clara a divisão entre os participantes através do uso dos verbos *dicendi*: a transcrição da fala da família de Edson Manso, por meio dos processos “afirmar” e “questionar”, permite a inferência de que o suspeito é inocente, porquanto o uso desses *dicendi* em oposição ao “dizer” deixa claro que o autor modaliza o enunciado da família e da Polícia militar de acordo com o ponto de vista com que concebeu a história, de maneira que os participantes que veiculam o relato da inocência de Edson são favorecidos na argumentação do enunciadador.

Dessa forma, o fato de o autor usar o *dicendi* “informar” para transcrever a fala da Polícia Civil também corrobora para que sua posição postura continue sendo marcada, uma vez que, por meio do discurso indireto livre, as vozes do enunciadador e da Polícia Civil se mesclaram dando suporte aos propósitos discursivos do autor:

A Polícia Civil *informou* que ele foi indiciado por tentativa de homicídio e associação ao tráfico, *mas nenhuma arma foi encontrada no local e o rapaz não tinha antecedente criminais*”.

7. *Considerações finais*

Sabemos que o termo *doxa* é definido como opinião comum, opinião dominante, ou ainda opinião pública, ou melhor, regras ou receitas para um comportamento eficaz que seja conveniente para a maioria; assim, sabe-se que, ao se tentar construir uma verdade objetiva e imparcial, deparamo-nos com os nossos juízos, que são dotados de intersubjetividade, uma vez que nos situamos em um mundo em que a consciência já se apoia em uma *doxa* originária. Dessa maneira, a impessoalidade e a in-

tersubjetividade são utopias.

Contudo, como o contrato social estabelecido pelo contexto de cultura do gênero notícia, legítima apenas como esse tipo de texto as construções imparciais e objetivas, os jornalistas, para que não haja a ruptura desse contrato – o que afetaria a relação com os participantes dessa relação –, valem-se de estratégias linguísticas para conduzir o leitor à determinada conclusão através de uma suposta objetividade.

Assim, por meio desta pesquisa, podemos confirmar que o autor recorre, no gênero notícia, ao uso dos diversos tipos de verbos *dicendi* para, como um para-choque a uma manobra discursiva, marcar a modalização no discurso, isto é, concluímos, a partir da escolha lexical dos *dicendi*, que o autor credibiliza ou descredibiliza a imagem do dizente, caracterizando, assim, esses participantes e levando o leitor a construir um juízo de valor favorável a uma das partes envolvidas em determinada situação; contudo, fá-lo de forma implícita, não violando o contexto de cultura que norteia o gênero notícia, já que encapsula o próprio ponto de vista na escolha dos verbos do dizer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261-305
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Caderno didático. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010. [Campinas: Mercado de Letras, 2014]
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MEDINA, Daniel do Rosário. *Mediatização da comunicação política*. 2006. XV + 393 p. Tese (de doutoramento). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela. Disponível em:

<http://bdigital.unipiaget.cv:8080/jspui/bitstream/10964/248/1/tese_daniel_medina.pdf>.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Os verbos *dicendi* modalizadores no gênero notícia. *XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos*. João Pessoa, 2006.